

# Memórias sobre um final de ano

Tenho guardado, em algum lugar do cérebro, odores familiares que me levam de volta ao passado e fazem-me recordar, com a mesma antiga emoção, dos momentos amargos ou felizes de minha vida. Inclusive, fiz alusão a isso em meu texto de Natal.

O cheiro que emana da terra seca, às primeiras gotas de chuva, e o cheiro de jasmim levam-me de volta a certo jardim de Belo Horizonte, quando eu era bem pequena. Lojas de tecido, hoje raras, me trazem à mente o odor de um vestido cor de rosa, de organdi, cheio de babados; o cheiro de chocolate me conduz a uma Páscoa distante, quando comi meu ovo e o de minha irmã de sobremesa. Claro que não fiquei impune, além do desarranjo intestinal e do dejetos alimentares que, de meu estômago, partiu direto à cama dela, Ana Maria, a caçula, porque dormíamos em beliche, ela no de baixo. Chorou e brigou muito comigo por isso, e como sempre coube a mamãe apaziguar os ânimos.

Doce de leite fervendo na panela me lembra a compoteira amarela de vovó Santa. Flores em profusão têm para mim, o cheiro do vaso de flores que ganhei do pai de minha primeira filha, na maternidade ainda; já as coroas de flores levam-me de volta ao triste aroma da dor que senti, quando ele, o pai de minhas filhas, partiu deste mundo; elas eram bem pequenas.

Das filhas e do filho também emanavam cheiros saudosos, que o tempo trouxe de volta nos meus netos e na bisneta: cheiro de leite azedo, impregnando os vestidos; cheiro de sabonete Johnson, cheirinho do cocô que a gente sentia e metia a mão na fralda para testar... invariavelmente era, sim, cocô. Mãe não se engana nisso.

De todos os odores, jamais esquecerei o cheiro da confusão olfativa que vinha da cozinha na véspera do Ano Novo, aromas que nasciam no Natal e continuavam Dia de Ano. Era o peru assando, dona Floriza, a cozinheira, suando em bicas, cheiro de doce de leite, tudo se misturando ao cheiro doce da boneca que ganhei, aos sete ou oito anos, na véspera do Natal. O cheiro da boneca, mesmo na caixa, resumia para mim o cheiro da alegria. Ali eu respirava o assado no forno, o presépio iluminado, a árvore alta de bolas vermelhas, enfeites que só eram tirado no Dia de Reis. Muitas vezes, durante o ano, eu voltava àquela boneca, evocava seu cheiro.

Jamais senti novamente aquele aroma, depois que a infância se foi e a boneca envelheceu e quebrou. Entretanto, em cada festa de final de ano, fecho os olhos e evoco as emoções daquela noite no passado. Ressuscito em mim, então, a menina que fui e a esperança, sempre renovada, de tudo tão bom que a vida me tem dado.

Maria Rita Lemos  
Academia Limeirense de Letras - Cadeira nº 13  
Patronesse Maria José N. Lencioni (I.M.)

